

**Histórias da literatura:
entre as páginas da tradição
volume 1**

Todos os direitos desta edição reservados.

Copyright © 2021 da organização:
Ana Maria Amorim e
Gerson Roberto Neumann.
Copyright © 2021 dos capítulos:
suas autoras e autores.

Coordenação editorial

Roberto Schmitt-Prym

Conselho editorial

Betina Rodrigues da Cunha — UFU
João Cezar de Castro Rocha — UERJ
Maria Elizabeth Mello — UFF
Maria de Fátima do Nascimento — UFPA
Rachel Esteves de Lima — UFBA
Regina Zilberman — UFRGS
Rogério da Silva Lima — UNB
Socorro Pacífico Barbosa — UFPB
Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM
Helano Jader Ribeiro — UFPB

BESTIÁRIO



Rua Marquês do Pombal, 788/204
CEP 90540-000
Porto Alegre, RS, Brasil
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

H673	Histórias da literatura: entre as páginas da tradição, vol 1 [recurso eletrônico] / organizado por Ana Maria Amorim, Gerson Roberto Neumann. - Porto Alegre : Class, 2021. 616 p. ; PDF ; 3,6 MB. Inclui bibliografia e índice ISBN: 978-65-88865-85-9 (Ebook) 1. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Amorim, Ana Maria. II. Neumann, Gerson Roberto. III. Título.
2021-3514	CDD: 869.94 CDU: 82-4(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)

Projeto gráfico

Mário Vinícius

Capa

Mário Vinícius
Larissa Rezende (estagiária)

Diagramação

Mário Vinícius

Equipe de revisão

Carla Luciane B. Schöninger
Cleo Amorim Nascimento
Luciane da Silva Alves
Marina de Oliveira Santos

Como citar este livro (ABNT)

AMORIM, Ana Maria; NEUMANN, Gerson Roberto (org.). *Histórias da literatura: entre as páginas da tradição: volume 1*. Porto Alegre: Bestiário / Class, 2021.



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES), do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os organizadores deste volume não se responsabilizam pelo conteúdo dos artigos ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

As Americanas e seus heróis abatidos

Maria da Glória Bordini (UFRGS/CNPq)¹

O indianismo em Alencar e Machado

Entre os autores brasileiros do Romantismo, depois de Gonçalves Dias, José de Alencar (1829-1877) tornara-se o escritor maior da corrente, além de cultivar com mestria o romance urbano e o rural. Em pleno Império, reivindicações de autonomia política se multiplicavam, abalando as bases do reinado de D. Pedro II, tanto no sentido da abolição da escravatura – que não interessava à elite rural – quanto no do republicanismo, instigado pela burguesia comercial. José de Alencar, nesse contexto, conquistava uma larga fatia de público entre os leitores brasileiros, com romances em que a aventura e os amores apaixonados se impunham à força de descrições esplêndidas da natureza nativa e da narração de feitos que exaltavam o caráter brasileiro a partir de seus tipos.

Seus romances indianistas, como *O guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), exemplificam sua evolução rumo a um gradativo realismo. O primeiro apresenta um indígena branqueado, idealizado, o segundo a miscigenação e a morte, o terceiro um herói bem mais indígena, para cuja construção ele estudou *in loco* as tribos da Guanabara. Dele diz Alfredo Bosi (2010) que: “a concepção que Alencar tem do processo colonizador impede que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade – brilhem em si e para si; eles se constelam em torno de um ímã, o conquistador, dotado de um poder infuso de atraí-los e incorporá-los”. (p.181).

Também Bosi adverte que essa atitude diverge da posição do grande cantor romântico do indígena, Gonçalves Dias (1823-1864). Na poesia de tom épico dos *Primeiros cantos* (1846), o crítico percebe que já “lateja a consciência do destino atroz que aguardava as tribos tupis quando se pôs em marcha a conquista europeia” (2010, p.184). E vê

1. Maria da Glória Bordini é Doutor em Letras pela PUCRS e Docente aposentada da UFRGS, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. Suas especialidades são Teoria da Literatura, Lírica e Poesia Luso-Brasileira. É uma das editoras da revista binacional *Brasil/Brazil*, coeditada entre a UFRGS e a Brown.

no contexto político dos dois a explicação: Gonçalves Dias vivera “as tensões antilusitanas”, desde a Independência à Balaiada, Alencar, o período da maioridade de D. Pedro II, com suas regências, até que os partidos Conservador e o Liberal se entendessem nos anos 1850. Gonçalves Dias anunciara a extinção dos nativos, Alencar o seu sacrifício em favor do surgimento de uma nova nação.

A seu turno, Machado de Assis (1839-1908), coetâneo de Alencar com uma diferença de dez anos, viveu as mesmas circunstâncias deste. Foi um tempo de instabilidades, de mudança de regime político, do monárquico ao republicano – sem que o poder saísse das mãos da elite latifundiária – de empenho de ascensão social da burguesia urbana, de intensa discussão na imprensa. Sua literatura, porém, não seguiu o rumo idealizador de Alencar, de quem era amigo, mas também rival.

Iniciando sua carreira pelo teatro de comédia, com *Descantos* (1861) – fora crítico teatral – começa a publicar contos no *Jornal das Famílias* (1863). A poesia vem em *Crisálidas* (1864), depois em *Falenas* (1870), ambos com muitos traços românticos. Saem seus *Contos fluminenses* (1870) e seus primeiros romances, *Ressurreição* (1872) e *A mão e a luva* (1874), estes também em estilo romântico. Volta à poesia em *Americanas* (1875), em que incursiona por um indianismo não tão romântico, porque mais rude, para continuar com mais dois romances menos românticos, *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). A essa altura, toma conhecimento de *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz, que critica. E muda de rumo, publicando seus dois inovadores romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880) e *Quincas Borba* (1891). Só depois de *D. Casmurro* (1899), epítome do realismo, e de vários livros de contos, volta à poesia, reunindo os três livros anteriores, que revisa, e adiciona um novo, *Ocidentais* (1901).²

Por essa enumeração rápida e incompleta, pode-se perceber que Machado praticou todos os gêneros, o narrativo, o lírico e o dramático, porém despreendeu-se aos poucos da força dominante do Romantismo, ingressando, na poesia, por um terreno ainda instável, o do Parnasianismo, e encontrando terra firme na prosa realista. Nesse sentido, libertou-se da sombra de Alencar, com algumas armas deste: a presença nos jornais e revistas, a ocupação de cargos no governo, o convívio com o mundo letrado nas Arcádias e Academia, de que

2. Cf. ASSIS, Machado de. *Cronologia*.

foi um dos fundadores. Mas, nesse embate, foi socorrido por outras, de cunho pessoal: de ascendência humilde, tinha os pés firmemente fincados no chão, os olhos fixados no real e não no ideal, e um ceticismo saudável.

A história das *Americanas*

Americanas foi publicado em 1875, cinco anos depois de *Falenas*. Em sua edição de *Poesias completas*, em 1901, apesar de rejeitar muitos poemas das suas duas primeiras obras poéticas, Machado incluiu todos os textos dessa terceira, salvo “Cantiga do rosto branco”, uma adaptação da versão francesa de Chateaubriand de uma lenda da tribo Muskogee, em sua *Voyage em Amérique*.³

Dois anos antes, Machado de Assis escrevera sua “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade” (1873, p. 801-809), em que, além de avaliar a situação das letras brasileiras, faz a defesa dos escritores que não retratam temas ou paisagens brasileiras, como desejavam os adeptos da independência literária, embora não reprovasse a tese romântica da valorização do nacional e da representação das raízes indígenas. O que o desagradava nos seus contemporâneos era o gosto pelo exótico e a superficialidade.

As *Americanas* dialogam com a poesia indianista antecedente – com enfoque ideológico aparentado ao de Gonçalves Dias – e com os relatos dos viajantes estrangeiros sobre a mitologia dos povos nativos no início da colonização. É certo que Machado de Assis acolhe certas lendas e costumes, usa termos tupis, adota uma dicção à brasileira, como Gonçalves Dias, mas também procura oferecer uma visão não paradisíaca das terras nacionais e dos primeiros povos.

As *Americanas* e seus heróis abatidos

Manuel Bandeira (1973), ao comentar as *Americanas*, diz serem “um eco tardio do Indianismo” (p.13), em que “Machado nada acrescentou nem nada alterou na maneira de idealizar o aborígene”. Há nessa

3. Em 1901, Chateaubriand, de quem Machado herdara o indianismo, já não estava na moda. Talvez por isso tenha suprimido a tradução das *Poesias Completas*.

avaliação taxativa certo mal-estar ante a poesia menos lírica e mais épica. Os poemas de *Americanas* são narrativo-descritivos, longos, com poucas passagens líricas. Não rivalizam com o andamento *cantabile* e os arroubos emocionados dos heróis de Gonçalves Dias, porém não se pode afirmar que sejam menos poéticos por elegerem revisitar a história dos povos originais numa época em que já se manifestava o atual descaso para com eles.

A maioria dos poemas da obra são dedicados aos indígenas. Formam exceções dois textos de homenagem, um a José Bonifácio e outro a Gonçalves Dias, mais um intitulado “Os semeadores”, o qual louva os sacerdotes que desbravaram o País, espalhando a semente do evangelho entre os indígenas, e um poema atípico, “A flor do embiricu”, um canto lírico à flor nativa que se abre à noite e se fecha na aurora⁴.

Entre os textos indianistas, “Potira”, poema composto em 16 cantos de decassílabos, com esse verso heroico cria a expectativa de uma dimensão épica. Já na abertura a personagem é comparada com Lucrecia, a dama romana estuprada e suicida. Potira, convertida ao cristianismo e casada, é sequestrada pelo tamoio Anajê, que a deseja. Ela o recusa, é por ele escravizada e finalmente morta, ao continuar lhe resistindo.

Machado concede a Anajê espaço para despejar sua ira contra os padres: “Esses mostram/ Cheia de riso a boca e o mel nas vozes, / Sereno o rosto e as brancas mãos inermes;/ Ordens não trazem de cacique alheio, /Tudo nos levam, tudo. Uma por uma/ As filhas de Tupã correm trás deles, /Com elas os guerreiros e com todos/ A nossa antiga fé” (1973, p. 96).

Além disso, no canto x, o poeta permite-se descrever uma cena cruenta de sacrifício de um cativo Guaianá. E exorta ironicamente seus leitores: “Ah! Não cubra/ Vêu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos/ Destes polidos tempos! Rudes eram/Aqueles homens de ásperos costumes, / [...]. Que somos nós mais que eles? Raça triste/ De Cains, raça eterna...” (1973, p.102).

Com essa atitude pouco romântica, Machado expõe a ambiguidade entre a cristianização dos indígenas e seu isolamento e rejeição por violarem os costumes milenares das tribos, e entre a chamada selvageria dos nativos, com seus ritos antropofágicos, e a “raça triste” dos colonizadores cristãos.

4. E que Manuel Bandeira considera o melhor do livro (idem).

Igualmente observa o quanto pode ser cruel o homem que se deixa levar pela paixão sem peias:

*Anajê contempla e espera;
Sôfrego espera, enquanto ideias negras
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe
A mente de projetos tenebrosos.
Tal no cimo do velho Corcovado
Próximo tempestade engloba as nuvens.
Súbito ao seio túrgido e macio
Ansiosas mãos estende; inda palpita
O coração, com desusada força,
Como se a vida toda ali buscasse
Refúgio certo e último. Impetuoso
O vestido cristão lhe despedaça,
E à luz viva da manhã recente
Contempla as formas nuas. [...] (1973, p.95)
[...] Ei-lo se inclina,
Para tomar nos braços a formosa
Por cujo amor incendiara a aldeia
Daquelas gentes pálidas de Europa.
(1973, p.95)
[...] Generoso
Era, mas não domado amor lhe dava
Inspiração de crimes. Não mais pronto
Cai sobre a triste corça fugitiva
O jaguar de longa fome esporeado,
Do que ele as mãos lançou ao colo e à frente
Da mísera Potira [...] (1973, p.106)*

Potira fascina por sua beleza, mas não pode decidir sua vida. Sequestrada, do ponto de vista de Anajê, deve reconhecer o amor que ele lhe tem e ceder a seu desejo. Contrariá-lo significa negar sua virilidade, ofensa sem perdão. O símile com o jaguar faminto e a triste corça contrasta a força masculina e a fragilidade feminina, mas assinala também que a mulher, nessa concepção da cultura indígena, não pode ser dona de si, sob o risco de perecer.

O segundo poema, “Niâni”, faz alusão ao *Purgatório* de Dante, em que Roma chora solitária e chama por César, como indica a epígrafe. Trata-se de um poema em 5 partes, estruturado em quadras, com rimas ABCB. A lenda guaicurú de Nanine é traduzida numa narrativa que se propõe a emular as “histórias antigas/Pelas terras de além-mar / De moças e de princesas, / Que amor fazia matar” (1973, p.107).

Casando-se com Panenioxé, a quem entrega seu coração, é abandonada, por fastio do esposo. Estiolada pela dor do amor perdido, Niâni “Toda é outra; a alma lhe morre/Mas de contínuo morrer”, tornando-se objeto de risos dos antigos pretendentes (em que Machado insere uma quadra do folclore popular): “Remador vai na canoa, / Canoa vai a descer.../ Piranha espiou do fundo, / Piranha, que o vai comer” (1973, p.109). Ao receber a notícia de que o marido casou com outra, ela chama um menino escravo e lhe muda o nome para Panenioxé. Niâni logo expira e é sepultada pelo pai, “que assim se morre de amores/Aonde habita o jaguar/Como as princesas morriam/Pelas terras de além-mar” (1973, p. 110).

Morrer de amor é dos temas mais costumeiros na poesia lírica desde o trovadorismo. A novidade é que Machado o aborda num contexto indígena, em que o hábito – ou o preconceito – não aceitaria uma heroína com essa sensibilidade extremada, como se o amor fosse um privilégio dos brancos. Note-se também que Niâni pode deixar-se morrer de dor, mas, dando ao menino escravo o nome do marido traidor, perpetua-o como seu escravo. Machado faz valer aqui uma ironia sutil, uma de suas características maiores no romance.

“A visão de Jaciúca”, um poema formado por 10 estrofes em verso decassílabo, prenuncia um tema heroico. A primeira estrofe apresenta os guerreiros se preparando para a guerra, à espera do chefe Jaciúca. Quando este sai da floresta, conclama-os à paz, para indignação deles. Explicando-se, ele relata uma visão que tivera ao dormir junto ao rio, guiado pelo respeitado Içaíba, da invasão de um povo estranho que dizimará todas as tribos:

[...] *Ó guerreiros! largo espaço
Era presa de alheio senhorio.
Fitei os olhos mais: e pouco a pouco
Como enche o rio e todo o campo alaga,
Umhas gentes estranhas se estendiam
De sertão em sertão. Presas de fogo
As matas vi, abrigo do guerreiro,
E ao torvo incêndio e às invasões da morte
Vi as tribos fugir, ceder a custo,
Com lágrimas alguns, todos com sangue,
A virgem terra ao bárbaro inimigo.* (1973, p.129)

Ele vê, em vez do “piaga santo”, um vulto “de vestes negras, / Nua quase a cabeça, e cor de espuma/Alguns cabelos raros. Tinha rosto/

Alvo e quieto, em suas mãos sustinha/Extenso lenho com dois braços curtos. /Ia só; todo campo era deserto” (*idem*). Içaíba lhe pede que a tribo poupe os inimigos, a fim de manter a honra e o valor para o dia da luta: “Salva ao menos as últimas relíquias/Desta nação vencida; não se rasguem/Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram/E Anhangá fez contrários...” (1973, p.130).

Machado, neste poema, não pode ser mais explícito. Adotando dois recursos construtivos, o ponto de vista do cacique, e a função do sonho profético, tão usada desde a Bíblia, ele condena, de uma parte, as guerras entre as tribos, que diminuem o poder de resistência às invasões dos colonizadores, e, de outra, o genocídio que os interesses da Metrópole portuguesa e da Igreja ocasionaram.

“Lua nova” descreve o culto a Jaci, “mãe dos frutos” (1973, p.135), por alegres guerreiros, donzelas, velhos e moços, que mal a contemplam entre as estrelas e lhe fazem pedidos: o guerreiro, que lhe retemperasse as forças para pelejar e caçar; a virgem, que carregue de frutos o arvoredo para que ela os colha e leve a seu guerreiro amado; o ancião, que lhe prolongue os dias, para ver seu neto vencendo o inimigo. O poeta os sanciona: “E eram cantos de paz e de amor. / Rude peito criado nas brenhas/ - Rude embora - terreno é propício; / Que onde o gérmen lançou benefício/Brota, enfolha verdeja, abre em flor” (1973, p.136).

Nesse poema, compensa-se a visão devastadora do anterior. O poeta revisita valores próprios das tribos, para mostrar que os ditos “selvagens” não são destituídos de sentimentos humanos. A rudeza não os impede de amar e desejarem paz, como os brancos. A cena tem aspecto idílico à luz da lua, o que reforça a ideia nela encerrada.

“Última jornada”, em duas partes, narra, em tercetos com rima ABA, repetindo-se em BCB e assim por diante, o voo sobrenatural de um casal indígena ao “derradeiro abrigo”. Na segunda parte vem a história dos dois. Ele a afastou dos seus e a matou, quando ela o deixou e voltou à taba: “Feriu-me da vingança agudo espinho;/ E fiz-te padecer tão cruas penas, /Que inda me dói o coração mesquinho.” (1973, p.144). Mas o assassino tem o crânio despedaçado, sem que saiba por quem:

*Talvez, talvez Tupã, desconsolado
A pena contemplou maior do que era
O delito; e de cólera tomado,*

*Ao mais alto dos Andes estendera
 O forte braço, da árvore mais forte
 A seta e o arco vingador colhera;
 As pontas lhe dobrou, da mesma sorte
 Que o junco dobra, sussurrando ao vento,
 E de um só tiro lhe enviou a morte. (1973, p. 144)*

Nessa jornada derradeira, Machado retorna à crueldade com que as mulheres são tratadas pelos homens quando elas se opõem a suas vontades. Reafirma, assim, a assimetria de poder entre o feminino e o masculino, o que talvez seja mais um reflexo das relações de gênero do seu tempo entre os brancos do que uma verdade antropológica. E há uma menção curiosa aos Andes como morada de Tupã, um traço de americanidade ultrapassando as fronteiras brasileiras.

“Os Orizes”, designação de uma tribo que vivia no litoral da Bahia⁵, em cinco partes, utilizando versos heroicos, canta o “povo indócil” que, refugiado entre serros altíssimos, mantinha-se livre das “armas cristãs” e “do Evangelho”. Adestrados guerreiros, eram invencíveis. Entre eles, o poeta destaca o chefe, de rosto carregado e pensativo, alheio à festa que se prepara. Nunca temera inimigo, pois “Inda criança, um gênio lhe deixara/Misteriosa luz, que as forças quebra/Da onça e do jaguar” (1973, p.146). Contam que enfrentou um jaguar somente com sua clava. Configurada a sua bravura e poder, o poema é interrompido. Como advertido sob o título, trata-se de um fragmento, e ao leitor resta deduzir que também essa tribo feroz e livre será domesticada e cristianizada.

Em *Americanas* há também dois longos poemas que fogem ao indianismo. São, porém, os que mais sobressaem no conjunto pela força emocional que imanta as personagens femininas. Seus temas se conjugam aos dos poemas cujos heróis são indígenas, pois tratam de personagens a serem sacrificadas, devido a momentos históricos da nação brasileira: a luta contra a invasão francesa, a perseguição aos

5. José Freire de Monterroyo Mascarenhas (1670-1760) os apresentou no livro *Os Orizes conquistados*, ou notícia da conversão dos indômitos Orizes Procazes, povos bárbaros e guerreiros do sertão do Brasil, novamente reduzido à Santa Fé Católica, e à obediência da Coroa Portuguesa: com a qual se descreve também a aspereza do sítio da sua habitação, a cegueira da sua idolatria e a barbaridade de seus ritos. (Lisboa: Na Oficcina de Antonio Pedroso Galran, 1716). (A ortografia foi atualizada por mim.) Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7177> Acesso: 01 jul. 2020.

judeus pela Inquisição e a escravatura, essa ainda vigente em parte da época de Machado.

“A cristã nova” deixa o indianismo para abordar outra etnia destinada ao sofrimento, a dos israelitas. Dividido em duas partes, a primeira com 9 cantos e a segunda com 19, é versificado em decassílabos, preparando o leitor para um texto heroico. Na primeira parte, que se passa à noite, apresenta-se um ancião e sua filha Angela, que ele pressente que perderá para alguém que ela ama:

*Morena é a face linda
E levemente pálida. Mais bela,
Nem mais suave era a formosa Rute
Ante o rico Booz, do que essa virgem,
Flor que Israel brotou do antigo tronco,
Corada ao sol da juvenil América. (1973, p. 111)*

Ele lembra as glórias passadas de Israel, a derrota infligida aos egípcios, proclamando Moisés como salvador, mas a filha, convertida ao cristianismo, o corrige: “Não! Cristo, / Filho de Deus! Só ele há salvo os homens!” (1973, p. 113). O velho pai, dividido entre a Lei antiga e a nova, lê o salmo 136⁶, “Junto aos rios da terra amaldiçoada/ Da Babilônia” (1973, p.115), que é citado por inteiro.

A segunda parte decorre de dia. Angela se despede do noivo Nuno, cuja união o pai abençoa. Nuno parte para lutar ao lado de Estácio de Sá, impelido pelo amor à noiva e à pátria:

*[...] Rompe
Por entre a multidão dos seus, e investe
Contra o duro inimigo; as balas voam,
E com elas a morte, que não sabe
Dos escolhidos seus a terra e o sangue,
E indistintos os toma; ele, no meio
Daquele horrível turbilhão, parece
Que a faísca do gênio o leva e anima,
[...] (1973, 121)*

Os franceses são derrotados e ele se precipita à casa da noiva, mas ali encontra pai e filha sob os braços da Inquisição. Angela lhe pede

6. Manuel Bandeira afirma, em “O poeta”, à p. 13, que se trata de “uma bela tradução, em tercetos”.

que salve o pai, e ante a paralisia de Nuno, ela renega sua fé, para ser aprisionada com o ancião:

*Nunca! Hão de primeiro
A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte
Pena há de ser da cometida culpa,
Convosco descerei à campa fria. Juntos a mergulhar na eternidade.
Israel tem vertido
Um mar de sangue. Embora! à tona dele
Verdeja a nossa fé, a fé que anima
O eleito povo, flor suave e bela
Que o medo não desfolha, nem já seca
Ao vento mau da cólera dos homens!” (1973, p. 124).*

O noivo protesta, queixando-se de que teria deixado a vida no campo de batalha se soubesse de uma tal decisão, e reclama:

*Prêmio é esse acaso
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,
Para que me dêis tão bárbara e medonha
Morte, como esta em que o cadáver guarda
Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto
Da vida que fugiu? (1973, p. 124)*

Ela, magoada, se despede com um “Adeus!” apenas. O pai admira a força de sua fé, que, negando seu Deus, aceita morrer e confia no Seu perdão. Reconhecendo-a, pede a Cristo que possa seguir com ela à eternidade.

“Sabina” é exemplo do sistema de escravidão vigente então: apesar de apaixonada pelo filho do patrão, de entregar-se a ele e de perder a confiança dos outros escravos, a bela mucama acaba sendo tratada apenas como propriedade, abandonada grávida pelo moço, que traz na volta à casa a “donzela gentil” com que se casara. A cena em que Otávio, que saíra à caça, surpreende a mulata a banhar-se nua no rio é dos raros momentos de erotismo em Machado:

*Pela aberta da folhagem,
Que inda não doura o sol, uma figura
Deliciosa, um busto sobre as ondas
Suspende o caçador. Mãe-d’água fora,
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos
Imitasse a do céu; se a tez morena,*

*Alva tivesse; e raios de outro fossem
Os cabelos da cor da noite escura,
Que ali soltos e úmidos lhe caem,
Como um véu sobre o colo.*

[...]

*Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,
E nela os olhos espantados fita
Que desejos acendem. (1973, p.138)*

Cláudia Duarte e Marilene Kunz (2019) relacionam o nome da escrava ao Rapto das Sabinas, sob mando de Rômulo, com o fim de procriarem filhos para a ocupação do território. Dizem elas que “a referência a essa lenda por meio da escolha onomástica pode ser interpretada como um questionamento sobre o processo civilizatório brasileiro (p. 77)”, no sentido de que as escravas também eram usadas para o povoamento, embora os filhos não fossem reconhecidos pelos brancos.

Nesses dois poemas, com suas passagens lamentosas e comoventes, o mundo feminino é ainda mais esmagado do que nos textos indianistas. As protagonistas são de uma beleza inocente e confiante, mas, diante de seus algozes, são de bravura sem par. Sabina, traída e desamada, decide viver pelo filho, embora vilmente enganada por Otávio. Angela revela-se uma mártir sem jaça, mantendo sua fé sob o manto da renegação e entregando-se sem temor ao horror que a espera em Portugal. Em compensação, Otávio não tem pela escrava com quem cresceu mais do que um desejo sexual satisfeito, e Nuno vê apenas o seu orgulho ferido pelo abandono da noiva para partilhar o destino do seu pai. Machado situa os dois planos, o feminino e o masculino, em patamares bem diversos. O leitor é induzido a colocar-se junto a essas mulheres e a desprezar tais homens, o que diz claramente quais virtudes o autor defende.

O Romantismo relutante de Machado

A poesia de Machado de Assis em *Americanas* funde, sob o signo da contradição, as idealizações românticas do nativo brasileiro e o realismo decorrente das incipientes tentativas de etnologia do século XIX. Valendo-se de fórmulas poéticas que lhe vinham dos Estados Unidos – foi um leitor apurado de Edgar Allan Poe – e da França,

Machado confere epicidade a suas personagens, ao delinear momentos decisivos da história desde a Independência – e neles o papel exercido pelos indígenas -, sob um nacionalismo algo aturdido com a violência nele implicada e de difícil derrota.

As Americanas se colocam num espaço de transição. Prestam homenagem a Gonçalves Dias, mas não se limitam à dicção romântica e não conseguem a liberdade da forma que Dias alcançara. Há nos poemas um rigor de composição que beira o Parnasianismo, mas há igualmente aquele esforço por buscar uma identidade nacional que impelira Alencar. À diferença deste, entretanto, que a engrandecera, Machado enxerga uma falha, um projeto que tende à ruína, e que reside na opressão e na desigualdade.

Trata-se de um indianismo desconsolado, que vai opor cristianização, genocídio e martírio, judaísmo e inquisição, revisitando, pois, a história brasileira, sob uma lente bem mais crítica que seus predecessores do movimento romântico, salvo Gonçalves Dias, cuja visão desolada ressalta, por exemplo, em “Meditação”⁷. Não sem razão, Machado haveria de encaminhar o jovem Castro Alves, o poeta condoreiro, num rumo semelhante.

A resignação de seus heróis diante de destinos adversos sugere que a colonização dominante no regime cultural de seu tempo não seria vencida apenas com o retrato da cor local – leitura brasileira da contemplação da natureza - e da exaltação de um passado primitivo e puro, como queria o romantismo europeu.

Numa clave de teoria pós-colonial,⁸ os poemas de *Americanas* podem ser situados num espaço intersticial em que a forma europeizante ofusca, mas não obscurece de todo, a visada crítica da condição desastrosa a que a colonização levou a realidade representada. Se sua linguagem não é mais a lusitana, não tem a entonação mais solta da brasileira. A estruturação dos poemas é basicamente narrativa, mas não segue a apresentação sintética e lírica de Gonçalves Dias, e atende com rigor a métrica do Parnaso, que obriga a uma abundância de inversões no plano sintático. A visão de mundo oscila entre o cetismo quanto ao ideal de emancipação do povo e a dura realidade da escravização latente nas relações com a sociedade branca, inclusive

7. Fragmento em prosa poética. Ver GONÇALVES DIAS. *Meditação*.

8. Pensando em Homi K. Bhabha (1994) e sua teoria do *in-between* (p.4).

quanto ao papel da Igreja na cristianização, embranquecendo a cultura dos povos nativos e levando-a à beira da extinção.

Se o Romantismo não se apagou com o advento do real-naturalismo e seu lado aspirante ao Parnaso na Europa, não seria no Brasil que a poesia de Machado, mesmo consciente das contradições que cercavam seus temas, daria o passo para a verdadeira emancipação da produção literária que ele conquistou no romance. Testemunhos de suas dúvidas são sua posição quanto à cristianização, que em geral condena suas personagens à morte, mas que a seu ver tem um papel civilizatório, e uma espécie de compaixão pela derrota inevitável dos indígenas ante a colonização. Seu indianismo resguarda os valores clássicos do épico, mas igualmente se detém liricamente na beleza das nativas e das escravas, valorizando, mesmo na desgraça, a mulher que luta pelo seu destino escolhido e não se dobra à vontade de dominação do mundo patriarcal. Essa opção pelo feminino iria culminar em sua *Capitu*.

Referências

- ASSIS, M. de. *Americanas* (1875). In: ASSIS, M. de. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3. p. 91-148.
- ASSIS, M. de. *Cronologia*. Disponível em: www.machado.de.assis.net. Acesso em: 10 jul.2020.
- BANDEIRA, M. O poeta. In: ASSIS, M. de. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3. p.11-14.
- BHABHA, H. K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BOSI, A. *Dialética da colonização*. 4. ed., 8. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DUARTE, C. S.; KUNZ, M. A. A mulher negra e a mestiça em obras de Machado de Assis. In: SARAIVA, J. A.; ZILBERMAN, R. (Orgs.) *Machado de Assis em perspectiva*. São Leopoldo: Oikos, 2019.
- GONÇALVES DIAS, A. Meditação. In: GONÇALVES DIAS, A. *Obras posthumas de A. Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Garnier, s. d.
- GONÇALVES, F. *De poeta a editor de poesia: a trajetória de Machado de Assis para a formação de suas Poesias completas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Ed. Kindle.
- MASCARENHAS, J. F. de M. *Os Orizes conquistados*, ou notícia da conversão dos indômitos Orizes Procazes, povos bárbaros e guerreiros

do sertão do Brasil, novamente reduzido à Santa Fé Católica, e à obediência da Coroa Portuguesa: com a qual se descreve também a aspereza do sítio da sua habitação, a cegueira da sua idolatria e a barbaridade de seus ritos. (Lisboa: Na Oficcina de Antonio Pedroso Galran, 1716 – ortografia atualizada por mim). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7177>. Acesso em : 01 jul. 2020.